

DOMINGO XIII DO TEMPO COMUM

CIC 548-549, 646, 994: Cristo ressuscita os defuntos

- 548** Os sinais realizados por Jesus testemunham que o Pai O enviou¹. Convidam a crer n'Ele². Aos que se Lhe dirigem com fé, concede-lhes o que pedem³. Assim, os milagres fortificam a fé n'Aquele que faz as obras do seu Pai: testemunham que Ele é o Filho de Deus⁴. Mas também podem ser «ocasião de queda»⁵. Eles não pretendem satisfazer a curiosidade nem desejos mágicos. Apesar de os seus milagres serem tão evidentes, Jesus é rejeitado por alguns⁶; chega mesmo a ser acusado de agir pelo poder dos demónios⁷.
- 549** Ao libertar certos homens dos males terrenos – da fome⁸, da injustiça⁹, da doença e da morte¹⁰ – Jesus realizou sinais messiânicos; no entanto, Ele não veio para abolir todos os males deste mundo¹¹, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado¹², que os impede de realizar a sua vocação de filhos de Deus e é causa de todas as servidões humanas.
- 646** A ressurreição de Cristo não foi um regresso à vida terrena, como no caso das ressurreições que Ele tinha realizado antes da Páscoa: a filha de Jairo, o jovem de Naim e Lázaro. Esses factos eram acontecimentos milagrosos, mas as pessoas miraculadas reencontravam, pelo poder de Jesus, uma vida terrena «normal»; em dado momento, voltariam a morrer. A ressurreição de Cristo é essencialmente diferente. No seu corpo ressuscitado, Ele passa do estado de morte a uma outra vida, para além do tempo e do espaço. O corpo de Cristo é, na ressurreição, cheio do poder do Espírito Santo; participa da vida divina no estado da sua glória, de tal modo que São Paulo pode dizer de Cristo que Ele é o «homem celeste»¹³.
- 994** Mas há mais: Jesus liga a fé na ressurreição à sua própria pessoa: «Eu sou a Ressurreição e a Vida» (*Jo* 11, 25). É o próprio Jesus que, no último dia, há-de ressuscitar os que n'Ele tiverem acreditado¹⁴, comido o seu Corpo e bebido o seu

¹ Cf. *Jo* 5, 36; 10, 25.

² Cf. *Jo* 10, 38.

³ Cf. *Mc* 5, 25-34; 10, 52; etc.

⁴ Cf. *Jo* 10, 31-38.

⁵ Cf. *Mt* 11, 6.

⁶ Cf. *Jo* 11, 47-48.

⁷ Cf. *Mc* 3, 22.

⁸ Cf. *Jo* 6, 5-15.

⁹ Cf. *Lc* 19, 8.

¹⁰ Cf. *Mt* 11, 5.

¹¹ Cf. *Lc* 12, 13-14; *Jo* 18, 36.

¹² Cf. *Jo* 8, 34-36.

¹³ Cf. *1 Cor* 15, 35-50.

¹⁴ Cf. *Jo* 5, 24-25; 6, 40.

Sangue¹⁵. Desde logo, Ele dá um sinal disto mesmo, e uma garantia, restituindo a vida a alguns mortos¹⁶ e preanunciando assim a sua própria ressurreição que, no entanto, será de ordem diferente. Jesus fala deste acontecimento único como do «sinal de Jonas»¹⁷, do sinal do templo¹⁸; Ele anuncia a sua ressurreição ao terceiro dia depois da morte¹⁹.

CIC 1009-1014: a morte é transformada por Cristo

1009 *A morte é transformada por Cristo.* Jesus, Filho de Deus, também sofreu a morte, própria da condição humana. Mas apesar da repugnância que sentiu perante ela²⁰, assumiu-a num acto de submissão total e livre à vontade do Pai. A obediência de Jesus transformou em bênção a maldição da morte²¹.

1010 Graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo. «Para mim, viver é Cristo e morrer é lucro» (*Fl* 1, 21). «É digna de fé esta palavra: se tivermos morrido com Cristo, também com Ele viveremos» (*2 Tm* 2, 11). A novidade essencial da morte cristã está nisto: pelo Baptismo, o cristão já «morreu com Cristo» sacramentalmente para viver uma vida nova; se morremos na graça de Cristo, a morte física consuma este «morrer com Cristo» e completa assim a nossa incorporação n'Ele, no seu acto redentor:

«É bom para mim morrer em (*eis*) Cristo Jesus, mais do que reinar dum extremo ao outro da terra. É a Ele que eu procuro, Ele que morreu por nós; é a Ele que eu quero, Ele que ressuscitou para nós. Estou prestes a nascer [...]. Deixai-me receber a luz pura; quando lá tiver chegado, serei um homem»²².

1011 Na morte, Deus chama o homem a Si. É por isso que o cristão pode experimentar, em relação à morte, um desejo semelhante ao de São Paulo: «Desejaria partir e estar com Cristo» (*Fl* 1, 23). E pode transformar a sua própria morte num acto de obediência e amor para com o Pai, a exemplo de Cristo²³:

«O meu desejo terreno foi crucificado; [...] há em mim uma água viva que dentro de mim murmura e diz: “Vem para o Pai”»²⁴.

«Ansiosa por verte, desejo morrer»²⁵.

«Eu não morro, entro na vida»²⁶.

¹⁵ Cf. *Jo* 6, 54.

¹⁶ Cf. *Mc* 5, 21-43; *Lc* 7, 11-17; *Jo* 11.

¹⁷ Cf. *Mt* 12, 39.

¹⁸ Cf. *Jo* 2, 19-22.

¹⁹ Cf. *Mc* 10, 34.

²⁰ Cf. *Mc* 14, 33-34; *Heb* 5, 7-8.

²¹ Cf. *Rm* 5, 19-21.

²² SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Romanos* 6, 1-2: SC 10bis, 114 (FUNK 1, 258-260).

²³ Cf. *Lc* 23, 46.

²⁴ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Romanos* 7, 2: SC 10bis, 116 (FUNK 1, 260).

²⁵ SANTA TERESA DE JESUS, *Poesía, 7: Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 6 (Burgos 1919) p. 86; [SANTA TERESA DE ÁVILA, *Seta de Fogo* (Lisboa, Assírio & Alvim 1989) p. 31].

²⁶ SANTA TERESA DO MENINO JESUS, *Lettre* (9 de Junho de 1897): *Correspondence Générale*, v. 2 (Paris 1973) p. 1015 [SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições do Carmelo 1996) p. 622].

- 1012** A visão cristã da morte²⁷ é expressa de modo privilegiado na liturgia da Igreja:
«Para os que crêem em Vós, Senhor, a vida não acaba, apenas se transforma; e, desfeita a morada deste exílio terrestre, adquirimos no céu uma habitação eterna»²⁸.
- 1013** A morte é o fim da peregrinação terrena do homem, do tempo de graça e misericórdia que Deus lhe oferece para realizar a sua vida terrena segundo o plano divino e para decidir o seu destino último. Quando acabar «a nossa vida sobre a terra, que é só uma»²⁹, não voltaremos a outras vidas terrenas. «Os homens morrem um só vez» (*Heb 9, 27*). Não existe «reencarnação» depois da morte.
- 1014** A Igreja exorta-nos a prepararmo-nos para a hora da nossa morte («Duma morte repentina e imprevista, livrai-nos, Senhor»: antiga Ladainha dos Santos), a pedirmos à Mãe de Deus que rogue por nós «na hora da nossa morte» (Oração da Ave-Maria) e a confiarmos-nos a São José, padroeiro da boa morte:
«Em todos os teus actos, em todos os teus pensamentos, havias de te comportar como se deveses morrer hoje. Se tivesses boa consciência, não terias grande receio da morte. Mais vale acautelares-te do pecado do que fugir da morte. Se hoje não estás preparado, como o estarás amanhã?»³⁰.
«Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã a morte corporal, à qual nenhum homem vivo pode escapar. Ai daqueles que morrem em pecado mortal! Bem-aventurados os que ela encontrar a cumprir as tuas santíssimas vontades, porque a segunda morte não lhes fará mal»³¹.

CIC 1042-1050: a esperança nos novos céus e na nova terra

- 1042** No fim dos tempos, o Reino de Deus chegará à sua plenitude. Depois do Juízo final, os justos reinarão para sempre com Cristo, glorificados em corpo e alma, e o próprio universo será renovado:
Então a Igreja alcançará «na glória celeste, a sua realização acabada, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas e, quando, juntamente com o género humano, também o universo inteiro, que ao homem está intimamente ligado e por ele atinge o seu fim, for perfeitamente restaurado em Cristo»³².
- 1043** A esta misteriosa renovação, que há-de transformar a humanidade e o mundo, a Sagrada Escritura chama «os novos céus e a nova terra» (*2 Pe 3, 13*)³³. Será a realização definitiva do desígnio divino de «reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há nos céus e na terra» (*Ef 1, 10*).

²⁷ Cf. *1 Ts 4, 13-14*.

²⁸ *Prefácio dos Defuntos I: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 439 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 509].

²⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 54.

³⁰ *Imitação de Cristo* 1, 23, 5-8: ed. T. LUPO (Città del vaticano 1982) p. 70.

³¹ SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *Cântico das criaturas: Opuscula sancti Patris Francisci Assisiensis*, ed. C. ESSER (Grottaferrata 1978) p. 85-86 [Cf. *Fontes Franciscanas*, I (Braga, Editorial Franciscana, 1984) p. 78].

³² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

³³ Cf. *Ap 21, 1*.

- 1044** Neste «mundo novo»³⁴, a Jerusalém celeste, Deus terá a sua morada entre os homens. «Há-de enxugar-lhes dos olhos todas as lágrimas; a morte deixará de existir, e não mais haverá luto, nem clamor, nem fadiga. Porque o que havia anteriormente desapareceu» (Ap 21, 4)³⁵.
- 1045** *Para o homem*, esta consumação será a realização final da unidade do género humano, querida por Deus desde a criação e da qual a Igreja peregrina era «como que o sacramento»³⁶. Os que estiverem unidos a Cristo formarão a comunidade dos resgatados, a «Cidade santa de Deus» (Ap 21, 2), a «Esposa do Cordeiro» (Ap 21, 9). Esta não mais será atingida pelo pecado, pelas manchas³⁷, pelo amor próprio, que destroem e ferem a comunidade terrena dos homens. A visão beatífica, em que Deus Se manifestará aos eleitos de modo inesgotável, será a fonte inexaurível da felicidade, da paz e da mútua comunhão.
- 1046** *Quanto ao cosmos*, a Revelação afirma a profunda comunidade de destino entre o mundo material e o homem:
- «Na verdade, as criaturas esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus [...] com a esperança de que as mesmas criaturas sejam também libertadas da corrupção que escraviza [...]. Sabemos que toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade. E não só ela, mas também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adopção filial e a libertação do nosso corpo» (Rm 8, 19-23).
- 1047** Assim, pois, também o universo visível está, destinado a ser transformado, «a fim de que o próprio mundo, restaurado no seu estado primitivo, esteja sem mais nenhum obstáculo ao serviço dos justos»³⁸, participando na sua glorificação em Jesus Cristo ressuscitado.
- 1048** «Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude, e também não sabemos como é que o universo será transformado. Porque a figura deste mundo, deformada pelo pecado, passa certamente, mas Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação e uma nova terra, na qual reinará a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens»³⁹.
- 1049** «A expectativa da nova terra não deve, porém, enfraquecer, mas antes activar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra onde cresce o corpo da nova família humana, que já consegue apresentar uma certa prefiguração do mundo futuro. Por conseguinte, embora o progresso terreno se deva cuidadosamente distinguir do crescimento do Reino de Cristo, todavia, na medida em que pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, interessa muito ao Reino de Deus»⁴⁰.

³⁴ Cf. Ap 21, 5.

³⁵ Cf. Ap 21, 27.

³⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

³⁷ Cf. Ap 21, 27.

³⁸ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses* 5, 32, 1: SC 153, 398 (PG 7, 1210).

³⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1056-1057.

⁴⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057.

1050 «Pois todos os bens da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, ou seja, todos os frutos excelentes da natureza e do nosso esforço, depois de os termos propagado pela terra, no Espírito do Senhor e segundo o seu mandato, voltaremos de novo a encontrá-los, mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o Reino eterno e universal»⁴¹. Então, Deus será «tudo em todos» (1 Cor 15, 28), na *vida eterna*:

«A vida subsistente e verdadeira é o Pai que, pelo Filho e no Espírito Santo, derrama sobre todos sem excepção os dons celestes. Graças à sua misericórdia, também nós, homens, recebemos a promessa indefectível da vida eterna»⁴².

⁴¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057; cf. Id, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 5-6.

⁴² SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses illuminandorum* 18, 29: *Opera*, v. 2, ed. J. RUPP (Monaci 1870) p. 332 (PG 33, 1049).